

Bloco de Notas

As dores de cabeça de Kostunica

A queda da última ditadura dos Balcãs – a de Slobodan Milošević na Jugoslávia – levanta sérias questões sobre as prioridades do Ocidente naquela região, sublinham analistas internacionais citados por publicações especializadas. Por um lado, a ajuda económica que estava prevista para os Balcãs partia do princípio de que a Sérvia iria estar fora dos circuitos de apoio durante muito tempo ainda. Se a Jugoslávia passa a ser também um receptor de ajuda, então muito do dinheiro terá de ser desviado de projectos anteriores e o orçamento terá de aumentar substancialmente. Os mesmos analistas alertam também para os problemas que o novo presidente Vojislav Kostunica vai enfrentar. As reformas económicas só serão possíveis se ele conseguir acabar com o poder das mafias que fizeram as suas fortunas com o contrabando durante os tempos do embargo. Não será uma tarefa fácil e significará certamente milhões de desempregados. Com este e muitos outros problemas no caminho de Kostunica, os analistas dão-lhe um conselho: aproveitar a sua lua-de-mel com o eleitorado, porque vai ser curta. ■



Capitalismo brasileiro

O Brasil está a viver uma transição que rompe com o modelo económico dos últimos 50 anos. Depois de cinco décadas (de 1940 a 1989) de forte controlo estatal sobre a economia, o Estado começa a afastar-se para abrir caminho ao sector privado. Juan de Onis, antigo correspondente do *New York Times* que neste momento está a escrever um livro sobre o Brasil, analisa esta evolução no número de Julho/Agosto da revista espanhola *Política Exterior* e avisa que, apesar da tendência positiva, ainda não desapareceram vários obstáculos a uma completa modernização económica do país. Exemplos das dúvidas levantadas por Onis: qual será o papel dos bancos privados, que por enquanto apostam mais em financiar as dívidas do Governo do que em apoiar a iniciativa privada? Porque é que os empresários não se sentem ainda à vontade com a Bolsa, perante a qual se mostram muito cautelosos? Pode o sector privado cumprir o seu papel e liderar o crescimento do país? “Infelizmente”, escreve, “nas actuais reformas há uma contradição entre a política fiscal e os esforços para aumentar os investimentos privados”. ■



Coordenação: Alexandra Prado Coelho

Ameaças assimétricas

A *Jane's Intelligence Review* publicou no seu número de Outubro a primeira parte de um excelente trabalho sobre as novas ameaças e as novas necessidades de segurança a nível nacional e internacional. Os peritos e os serviços especializados – nomeadamente os serviços secretos – enfrentam um enorme desafio com a chamada *asymmetric warfare* (a guerra assimétrica). Uma ameaça assimétrica significa que um dos lados não tem capacidade para enfrentar o seu inimigo de forma convencional, usando as mesmas armas que ele (é o que acontece, por exemplo, com os grupos terroristas) e portanto recorre a técnicas para contornar a superioridade tecnológica do outro. O elemento surpresa num ataque pode fazer parte dessas técnicas. Assim como a especialização no “ciberterrorismo”, que atinge o adversário onde este ainda está pouco preparado para se defender. Uma das conclusões da *Jane's* é a de que os meios tradicionais de recolha de informação usados durante a Guerra Fria e muito baseados na tecnologia já não são os mais adequados. O melhor instrumento para os serviços secretos obterem informação relativamente às “ameaças assimétricas” são os próprios recursos humanos: saber estar nos sítios certos, estar atento, saber interpretar a informação. ■



Europa: metas sem projecto

O analista e economista francês Jean Paul Fitoussi alerta no número de Abril/Junho da revista *Archivos del Presente* (editada em Buenos Aires) para os perigos de uma paragem da Europa. Nos anos 80 e 90 a União Europeia foi fixando uma série de objectivos, o mais recente dos quais a moeda única. Não era necessário pensar num horizonte mais longínquo por-



que as energias estavam concentradas em avançar passo a passo. Fitoussi defende que é preciso voltar a pensar no longo prazo, porque “não é por não se pensar nele que ele não se organiza; a ausência de decisões é também uma decisão e compromete o futuro”. Um dos temas sobre o qual propõe uma reflexão é o da soberania, das competências dos Estados e das instituições europeias. E deixa um aviso: “A conjugação de uma ausência de Governo europeu com um aumento potencial de instituições não democráticas, ou seja, politicamente irresponsáveis, poderia fazer com que a Europa evoluísse para um futuro que ninguém deseja: nem dos Governos, nem dos povos”. ■